

UMA TRAGÉDIA PESSOAL E POLÍTICA

por Mário Soares

Benazir Bhutto era uma senhora de grande classe, de refinada cortesia e rara beleza. Estudou na Inglaterra e na América nas melhores escolas. Era filha de Ali Bhutto, um político carismático, fundador do Partido Popular do Paquistão, que deixou uma tradição democrática, a que sua Filha sempre foi fiel. Foi após a morte por enforcamento de seu Pai - e perante a emoção imensa que provocou - que Benazir assumiu a direcção do Partido que seu Pai fundara. Foi, depois, duas vezes primeira ministra do Paquistão.

Conheci-a em Paris, na altura das comemorações do duplo centenário da Revolução Francesa, tendo-lhe sido apresentado pelo Presidente Mitterrand, que a considerava uma esperança democrática para o seu País. Encontrei-a depois diversas vezes e em diferentes lugares.

Mais tarde, em Islamabad, numa visita oficial que fiz ao Paquistão, sendo então Benazir primeira ministra, tivemos oportunidade de conversar longamente. Achei-a determinada, perante as dificuldades do um país particularmente difícil, de uma enorme lucidez e coragem política.

Anos depois, de passagem por Lisboa, fez questão de visitar a Fundação que dirijo - não exercendo eu quaisquer outras funções - e voltámos a conversar. Já ela então estava no exílio, depois do golpe militar que a destituiu do poder.

Tendo seguido o seu percurso político, fiquei apreensivo quando do recente regresso ao País, dada a situação explosiva em que se encontra e a ambiguidade política do general-ditador Pervez Musharraf. De facto, entalado entre a pseudo amizade com Bush, a grande fragilidade do Afeganistão e alguma cumplicidade com o terrorismo islâmico, Musharraf, particularmente em vésperas de eleições que, a serem livres, dariam a vitória a Benazir, encontra-se numa situação muito desconfortável.

O assassinato de Benazir Bhutto representa uma grande tragédia pessoal e uma tragédia política, para o Paquistão. Lamentável. Tudo se complica. Note-se que em poucos dias foi a segunda tentativa. O Paquistão, é um país-chave, portador da bomba atómica, fragilizado pelas suas contradições internas e pela complexidade da Região em que se insere. Um verdadeiro barril de pólvora em que o Próximo Oriente se vem tornando, cada dia pior, desde a invasão do Iraque.

Lisboa, 28 de Dezembro de 2007